

Provocações sobre o Diálogo Inter-religioso na Perspectiva da Religiosidade – Dez teses

Volney J. Berkenbrock*

Resumo

O diálogo inter-religioso é uma temática que tem sido discutida a partir de perspectivas diversas, como por exemplo a perspectiva da teologia (com toda a discussão da teologia das religiões), a perspectiva eclesial-pastoral (com a discussão sobre a atitude dos cristãos no convívio com outras crenças, bem como a inserção desta temática na ação pastoral), a perspectiva mística (com o diálogo possível de experiências místicas), a perspectiva humanista (com a discussão por exemplo sobre a responsabilidade conjunta das religiões na construção de estruturas mais justas, mais pacíficas, promotoras da vida). Na linha das diversas perspectivas possíveis da temática do diálogo inter-religioso, a reflexão deste texto se volta para o aspecto da religiosidade e tenta mostrar que através da religiosidade acontece já um diálogo muito mais antigo e mais amplo que aquele proposto, por exemplo, pela teologia ou pela eclesialidade. Após precisar o conceito de religiosidade com o qual se trabalhou neste texto, a reflexão é feita em forma de dez teses provocativas.

Palavras-chave: *diálogo inter-religioso, religiosidade, experiência religiosa, vivência religiosa.*

Abstract

Interreligious dialogue has been discussed in different perspectives, as the theological (with the discussion on the Theology of Religions) and the ecclesial/pastoral perspective (with the discussion on the Christians' attitude in their relations with other Faiths, as well as the insertion of this subject in the pastoral action), the mystical perspective (discussing a possible dialogue of mystical experiences), the humanistic perspective, (discussing, for instance, on the common responsibility of all Religions to construct more fair, pacific and life-promoting structures). Among the several possible perspectives offered by the interreligious dialogue, this text considers the religiosity and tries to show that through religiosity, there occurs a much more ancient and wider dialogue than the one proposed, for example, by the Theology or Ecclesiality. After an accurate definition of the concept of religiosity, which is focused in this text, the reflection assumes the form of ten instigating theses.

Key-words: *interreligious dialogue, religiosity, religious experience, religious living.*

* Doutor em Teologia, professor do programa de pós-graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora, MG, e do Instituto Teológico Franciscano de Petrópolis, RJ.

Observações Prévias

Antes de iniciarmos a temática proposta – provocações sobre o diálogo inter-religioso na perspectiva da religiosidade – gostaria de fazer algumas observações sobre o diálogo no contexto religioso atual: a) Estamos em uma época difícil para se falar de diálogo. Isto não apenas no contexto religioso onde se pensa logo em fundamentalismos e fanatismos. Também em relação a aspectos políticos e econômicos em termos globais estamos em um período mais afeito a marcar (e impor) posições, a definir (e fazer definir) identidades, a classificar grupos e nações (terroristas, “eixo do mal”) que num período de desejo de abertura e aproximação; b) Dentro do Cristianismo, o diálogo também não parece ser o discurso da hora. O diálogo ecumênico em termos institucionais está marcando passo há décadas. As comissões bilaterais de diálogo entre as diversas igrejas tornaram-se mais instâncias diplomáticas, “ministérios de relações exteriores”, que lugares de encontro e aproximação. Também aqui vale a observação de que mais do que dialogar, parece que o importante é marcar a própria identidade. No Brasil, o aumento da presença de igrejas pentecostais tem gerado muito mais um discurso de “combate” ao outro que de diálogo – e isto na grande maioria das igrejas; c) E o que dizer de um diálogo dentro do próprio catolicismo? O movimento de abertura impulsionado, sobretudo pelo Concílio Vaticano II e seus desdobramentos, parece ter passado já de seu ponto de expansão e vivemos novamente um tempo de contração. Obediência, centralização na hierarquia, padronização estão dando o tom na Igreja Católica já há décadas. Para as iniciativas de diálogo entre fiéis de diversas religiões há a expressão consagrada “diálogo inter-religioso”, o encontro e diálogo entre fiéis de diferentes confissões cristãs é definido como “ecumenismo”. Para se designar o diálogo dentro do catolicismo não existe nem sequer uma expressão consagrada. Isto só para imaginar o tamanho da dificuldade!; d) Já que estamos numa situação meio difícil de diálogo, seria, pois, a saída falar em diálogo inter-religioso na perspectiva da religiosidade? Estaria ali o “novo” campo do diálogo? Não. Não queremos colocar a religiosidade como um “novo” ou um “outro” campo de diálogo. Queremos apenas fazer algumas observações despreziosas sobre o diálogo inter-religioso que já ocorre – a nosso modo de ver – desde muito a partir da religiosidade. Não temos aqui outra pretensão senão a que apontar para um espaço onde o diálogo é já realidade desde muito, mesmo sem que haja

ali necessariamente a preocupação com o diálogo. Faremos isto em duas partes: num primeiro momento será importante descrever o que se está entendendo neste texto por “religiosidade” e num segundo momento apresentaremos em forma de teses nossas observações sobre o diálogo inter-religioso na perspectiva da religiosidade.

1. Religiosidade

A palavra “religiosidade” é muitas vezes entendida e utilizada com o adjetivo “popular”. E por “religiosidade popular” se entende uma gama de práticas e crenças em termos “de povo”, uma gama de práticas e crenças um pouco à margem da instituição, quando não claramente fora da “religião” vivida e proposta pela instituição. Em alguns ambientes, há certo tom de preconceito na expressão “religiosidade popular”, ligando-o com uma mistura de credência, simploriedade e ignorância religiosa. Em outros ambientes há certo tom de genuinidade religiosa na expressão, entendendo com ela “verdadeiro cerne” do sentimento religioso.

Não entendemos a palavra “religiosidade” assim, nem a iremos utilizar neste texto com conotação de “religiosidade popular”, seja o que for que se entenda por “religiosidade popular”.

Utilizaremos a palavra “religiosidade” no sentido de fé e vivência pessoal de religião. Religiosidade designa neste sentido o tom, a matiz do sentimento de fé e vivência religiosa na pessoa. Por ter fé (talvez fosse melhor dizer “por sentir fé”), a pessoa tem atitude religiosa, que pode se manifestar em atos, ritos, comportamentos, visões de mundo, enfim, em modos de portar-se (atitude para si) e comportar-se (atitude diante dos outros). O sentimento que suporta do ponto de vista subjetivo este conjunto “religioso” de modos de ser denominamos aqui religiosidade. Ela é, pois, a substantivação do sentimento e do modo de ser e viver do sujeito a partir da religião. Religiosidade é utilizada neste sentido independente da instituição religiosa à qual a pessoa se sente ligada. É independente por não ser a religiosidade nem a favor, nem contra a compreensão proposta pela instituição religiosa. A diferença que se faz é que religiosidade – como estamos propondo aqui a compreensão do termo – está ancorada na pessoa, no ser humano que crê, sem vinculação de validade com a proposta religiosa de alguma instituição. A pessoa tem ou sente religiosidade independente de isto encontrar ou não validação no âmbito de alguma instituição religiosa constituída.

Onde estaria ancorada ou validada a religiosidade pessoal se não em alguma instituição religiosa? A base do que entendemos por religiosidade está ancorada essencialmente em dois elementos: na experiência religiosa e na identificação religiosa. Religiosidade, antes de ser acolhida e interpretada por alguma instituição religiosa, legitima-se a partir da experiência, do “sentir religioso”. E o que seria o “sentir religioso”, a experiência religiosa, é a pergunta que logo nos vem. Para tentar explicar isto, vamos recorrer a um termo cunhado pelo estudioso das religiões Mircea Eliade: Hierofania¹. Hierofania é – no dizer de M. Eliade – termo muito cômodo para exprimir experiência religiosa, pois diz exatamente o que se quer expressar: a manifestação do sagrado. Esta acontece, no dizer deste autor, no mundo mental de quem crê e mesmo que possa haver diferentes hierofanias (como fenômenos), elas mantêm sempre a mesma estrutura de manifestação do sagrado ao crente, e por isto mesmo, toda hierofania é sempre real e verdadeira. Assim sendo, a qualificação de “religiosa” a uma experiência é auto-explicativa: ela é sentida como religiosa, não necessitando de nenhuma instância que a qualifique ou classifique como tal. Religiosidade, no que estamos entendendo aqui, tem esta experiência religiosa como base. Ela acontece e é construída a partir desta experiência e é por esta experiência legitimada e verificada (tornada verdade). Sendo a religiosidade baseada na experiência religiosa, não é a instituição religiosa o seu ponto de referência, mas o sentimento pessoal fundamentado a partir da experiência. A experiência religiosa torna-se assim o ponto de referência a partir do qual o sujeito constrói sua religiosidade. E é justamente aqui que entra o segundo elemento constitutivo da religiosidade: a identificação religiosa. Há na religiosidade uma dinâmica composta, a nosso ver, não apenas pelo “sentir” religioso (a experiência religiosa como fato delimitado pelo tempo), mas um sentimento decorrente de identificação pessoal com esta experiência. Ou seja, o desejo de que esta experiência religiosa tenha continuidade, se prolongue para dentro da vida da pessoa, torne-se algo com o qual a pessoa tenha o sentimento da identificação e não do estranhamento. Com esta identificação, a experiência religiosa passa a ser marca no modo de ser da pessoa.

Ao falarmos em ponto de referência para a religiosidade, queremos introduzir aqui uma diferenciação que nos parece importan-

¹ Sobre o conceito de hierofania em M. Eliade, conferir sobretudo: Mircea ELIADE. *O Sagrado e o Profano*. São Paulo: Martins Fontes 1999, p. 15-23; idem. *Tratado de História das Religiões*. São Paulo: Martins Fontes 2002, p. 7-20.

te neste contexto. Fala-se muito em identidade religiosa, na importância de pensar, esclarecer, ter presente a identidade religiosa. As instituições religiosas têm inclusive a preocupação com a transmissão, manutenção e defesa do que entendem como sua identidade religiosa. A partir do ponto de vista da religiosidade, que tem como ponto de referência a experiência religiosa, cremos que é mais adequado falar em identificação religiosa e não em identidade religiosa. Identidade religiosa passa a impressão de algo estático, a ser conseguido e mantido. Identificação religiosa é algo dinâmico, buscado sempre novamente a partir da experiência. Assim a religiosidade é constituída sempre novamente a partir da experiência religiosa pessoal, com a qual o crente se identifica. Ou seja, onde certas experiências são sentidas como religiosas, é com elas que acontecerá o laço de identificação religiosa. Concretamente esta identificação pode acontecer através de um ritual, uma vivência, um conteúdo, uma palavra, um local, etc.

E há que se apontar aqui também o fato de uma mudança de compreensão do lugar e importância da experiência religiosa pessoal. Cada vez mais a experiência religiosa pessoal – para o sujeito moderno (e pós-moderno) – tem se tornado a instância de verificação religiosa. Algo é verdadeiro em termos de religiosidade se é sentido (experimentado) como tal e não se é declarado como verdade por alguma instância. A instituição religiosa tem perdido aos poucos a capacidade de definir para o sujeito a verdade religiosa. Esta responsabilidade pela verdade religiosa – mais como sentimento do que como afirmação doutrinal – tem se deslocado da instituição para o sujeito, sua experiência religiosa e a identificação pessoal com a mesma.

2. Dez Teses sobre o Diálogo Inter-religioso na Perspectiva da Religiosidade

Tese 1: O diálogo inter-religioso no nível de religiosidade é um processo muito mais antigo que a consciência da instituição religiosa sobre a importância ou o lugar do diálogo inter-religioso.

A interação religiosa vista a partir da religiosidade é um processo que acontece desde os tempos mais antigos da humanidade. A partir do momento em que alguma ação religiosa (ritual, sacrifício, templo, etc.) possa significar algo para alguém, isto é, ser experiên-

cia religiosa, haverá com ela uma identificação. Ela será um lugar de referência. Assim “costumes religiosos” muito diversos entre si e de origem distinta acabaram sendo assumidos por outros grupos, na medida em que tiveram um significado religioso, quer dizer, uma vez que proporcionaram uma experiência religiosa e com isto uma identificação.

Por conta do diálogo que aconteceu neste nível, podemos ver inúmeros exemplos na história das religiões de interação religiosa. Citando apenas alguns: a história das tradições religiosas hinduístas está repleta de divindades cujos cultos se uniram, de assimilação de rituais oriundos de outros grupos, de re-significação de rituais, etc. A Bíblia é outro exemplo muito interessante que conserva a memória deste diálogo de religiosidades na tradição judaica. Assim, vemos ali uma diversidade de rituais, cultos e ações religiosas quase que convivendo. Temos relatos de rituais de oferenda das primícias, isto é, dos primeiros frutos da terra. Rituais estes claramente de origem de cultos agrários. Outros muitos relatos de sacrifícios de animais a serem queimados sobre amontoados de pedras. Rituais estes oriundos de culturas pastoris. Muitos outros relatos de ações religiosas ocorridas nos topos de montanhas. Rituais estes oriundos de tradições de divindades personalizadas que habitam lugares determinados e geralmente com uma aura de difícil acesso. A própria Bíblia é testemunha das dificuldades enfrentadas quando de tentativas de unificação do culto em torno do Templo de Jerusalém e de como este processo gerou mais divisão que unidade. Ainda no tempo de Jesus a Samaritana lhe pergunta sobre o lugar correto do culto: se neste monte ou em Jerusalém. Para dar mais um exemplo, a história do cristianismo também está repleta de momentos de diálogo que aconteceram com os chamados cultos pagãos. Por conta deste diálogo foi fixada uma data para a festa do natal, assumindo a data de um culto romano; por conta deste diálogo a árvore de natal entrou para o cristianismo advinda de cultos germânicos. Isto só para ficar em dois exemplos do cristianismo.

Quando pensamos um pouco sobre a longa história das interações e diálogos havidos entre as diferentes tradições religiosas, fica claro que a preocupação da instituição religiosa com a importância e o lugar do diálogo inter-religioso é extremamente incipiente. O diálogo inter-religioso a partir da consciência da instituição religiosa a seu respeito nem deu bem ainda os primeiros passos e muito poderia aprender com o longo e milenar caminho já percorrido pelo diálogo na perspectiva da religiosidade.

Tese 2: Quando a instituição religiosa assume como sua a tarefa do diálogo inter-religioso (e cria para isto comissões, fóruns, estruturas...), isto não significa necessariamente um avanço para o diálogo. As instâncias oficiais para o diálogo inter-religioso têm se tornado muito mais “ministério de relações exteriores” que locais de diálogo. Tornam-se mais lugares de defesa da instituição representada que facilitadoras de interação.

Assumir o diálogo inter-religioso como tarefa institucional é um processo bastante recente na história das religiões e ainda de longe não consolidado em todas as instituições. Em termos de Igreja Católica, por exemplo, este assumir aconteceu apenas no Concílio Vaticano II (com o documento *Nostra aetate*).

Para a instituição religiosa, a consciência da necessidade de um diálogo inter-religioso e a conseqüente criação de instâncias e organismos que o promovam, representa sem sombra de dúvida grande avanço. Para o processo de interação e diálogo, este fato não representa, porém, necessariamente um avanço qualitativo. Quando determinada instituição religiosa assume como sua a tarefa do diálogo inter-religioso, cria geralmente estruturas para isto. São nomeadas pessoas responsáveis pelo diálogo, são criadas comissões para o diálogo, são organizadas reuniões, fóruns, encontros, etc. A experiência de algumas décadas mostra que estas estruturas acabam assumindo logo certo papel de “ministério das relações exteriores” que de interação. Estas estruturas têm muito mais a preocupação de defender e deixar claro qual a posição das instituições por elas representadas do que entrar em despretensioso diálogo. Acaba-se criando assim uma estrutura de “diplomacia religiosa”, onde as instituições mandam-se mutuamente mensagens por ocasião de datas significativas, os líderes saúdam-se e visitam-se “diplomaticamente”.

Outro fator que entra em questão no diálogo inter-religioso conduzido pela instituição religiosa é a apresentação e defesa de “sua verdade religiosa”. E nem poderia ser diferente, pois a instituição religiosa não pode abrir mão de sua verdade religiosa, pois isto significaria abrir mão de sua própria identidade e em parte de sua razão de ser. Para um processo de diálogo, este fato age, no entanto, mais como uma cristalização do que como um mecanismo de fluidez.

Isto é uma constatação e não em primeiro lugar crítica ou demérito das estruturas de diálogo de instituições religiosas e suas ações. Não que estas não tenham o seu valor e sua razão de ser, mas é preciso ter claro que pouco representam qualitativa e quantitativa-

vamente em termos de resultados, ou seja, suas conseqüências e seu âmbito de ação é relativamente limitado.

Tese 3: A lógica que guia o diálogo inter-religioso a partir da religiosidade é certamente diversa da que guia o diálogo inter-religioso pensado a partir da instituição. Numa expressão simplificada: a lógica da identificação (capacidade de identificar-se com algo em comum) é fator decisivo para o diálogo na perspectiva da religiosidade enquanto para o diálogo pensado a partir da instituição religiosa, a lógica da identidade institucional é a prevalente.

Embora se use a mesma expressão “diálogo inter-religioso” para ambos os casos, na prática o diálogo segue lógicas totalmente diferentes quando visto a partir da perspectiva da religiosidade e quando visto a partir da perspectiva da instituição religiosa. Não que sejam lógicas contrapostas ou contraditórias. Apenas é preciso ter a clareza de que são bem diferentes e por isto mesmo não podem ser confundidas.

Por religiosidade, como foi acima exposto brevemente, entendemos aqui o sentimento e as conseqüentes ações – a vivência – que se constroem a partir da experiência religiosa. O diálogo inter-religioso, a partir da perspectiva da religiosidade, encontra na experiência religiosa o seu ponto de convergência. A identificação com determinada experiência religiosa ou com aspectos dela é o ponto em torno do qual se dá diálogo, é o ponto no qual acontece interação. E a identificação não é uma conseqüência direta da vontade. Ela acontece ou não. Ela é decorrente de um sentimento. E é a proximidade deste sentimento religioso o trilha que conduz e facilita o diálogo. Quanto mais próximo, intenso, convergente for este sentimento, maior a chance do diálogo. O centro, o ponto convergente para o diálogo na perspectiva da religiosidade assim entendida não está nos participantes do mesmo, mas sim naquilo que os converge: a capacidade de identificação com algo em comum, a proximidade do sentimento religioso, a co-participação vivencial ou experiencial.

Por sua vez, o diálogo inter-religioso pensado a partir da lógica da instituição está muito mais baseada na identidade própria dos participantes do diálogo. Quem está no diálogo, ali está não por um sentimento comum ou convergente com o outro – mesmo que isto possa existir e é até bom que exista –, mas ali está pela instituição, ali está de forma vicária. Sendo porta-vozes da instituição, os participantes do diálogo não falam em nome próprio, mas em nome da instituição que representam e que legitima seu ali estar. A iden-

tidade é, pois, legitimada e não brota a partir do sentimento dos membros participantes. Desta forma será a lógica que conduzirá o diálogo nesta perspectiva: a lógica de preservação – para não dizer defesa – da identidade que se está representando. Neste âmbito é comum o discurso no sentido de afirmar que algo importante no diálogo inter-religioso é a clareza sobre a própria identidade religiosa. Sim, esta clareza é importante. Mas temos que ter claro que quem a faz importante é claramente a instituição e sua necessidade. Assim, o ponto de convergência para o diálogo necessita ser a vontade de sair de si e ir ao encontro do outro. Neste movimento há pelo menos duas identidades que se encontram e se esforçam para permanecer na clareza de serem duas. O ponto de convergência não está por num tertius que a ambos atrai, que é a ambos comum e por isso capaz de gerar sentimento de identificação.

Tese 4: Outro fator decisivo que impulsiona do diálogo inter-religioso na perspectiva da religiosidade é a “lógica do objetivo comum”, isto é, o diálogo acontece a partir da confluência de objetivos e não da identidade de origem.

Continuando o raciocínio da proposição anterior, um fator decisivo para o diálogo inter-religioso a partir da religiosidade é o seu fator impulsionador, o fator gerador da convergência. Assim, pode-se dizer simplificada e que a lógica do objetivo comum está por trás do diálogo inter-religioso. O que denominamos sentimento religioso, experiência religiosa, vivência religiosa ou simplesmente religiosidade é que puxa para frente no caso do diálogo inter-religioso a partir da perspectiva da religiosidade. É o que chamamos propriamente de identificação: a ação de convergir em algo que atrai. No caso de diálogo, algo que atrai de maneira comum ou semelhante os participantes. Um exemplo de diálogo inter-religioso nesta linha que talvez pudesse esclarecer de forma límpida o que aqui estamos afirmando é o sincretismo religioso. O sincretismo religioso é justamente uma das conseqüências históricas bastante conhecidas no caso de interação entre religiosidades. O sincretismo é um grande processo de diálogo em nível de religiosidade. No sincretismo houve interação, diálogo com conseqüências a partir de um sentimento de identificação, de um objetivo comum. Assim, só para dar um exemplo, se a árvore de natal despertava o sentimento da vida nascente, da vida que não morria, mas resistia, ela – a partir desta lógica do objetivo comum, de uma comum identificação – foi acolhida e incorporada na tradição cristã sem reticências.

Diferentemente desta perspectiva, é a lógica do diálogo inter-religioso a partir da instituição religiosa. Esta é definida pela origem dos participantes do diálogo. A identidade religiosa, sua afirmação, preservação e defesa é aqui um fator decisivo. E nesta lógica – a da origem – não há convergência. Ela permanece diversa pela própria dinâmica da instituição e seus interesses.

Tese 5: Um lugar privilegiado em nosso tempo de diálogo inter-religioso a partir da religiosidade tem sido a “oferta de prestação de serviço religioso”, geralmente uma oferta experiencial.

Falamos aqui diversas vezes já de religiosidade como algo que tem como base a vivência da fé pessoal, a experiência religiosa. Também falamos que o diálogo inter-religioso, na perspectiva da religiosidade, acontece justamente na convergência, na identificação comum com experiências religiosas. Tentamos mostrar inclusive que esta identificação comum é fator decisivo no processo de diálogo em termos de religiosidade. Aqui nos interessa dar algumas pistas de onde concretamente se pode observar isto em nossa realidade.

Já apontamos a diferença existente nas lógicas do diálogo a partir da religiosidade e a partir da instituição religiosa, já mostramos que o diálogo a partir da instituição religiosa incorre no perigo de tornar-se diplomacia religiosa. Não seria, pois, o âmbito da instituição o lugar privilegiado de concretização do diálogo inter-religioso do ponto de vista da religiosidade. Ele ocorre, pois, geralmente em outro âmbito que não o da instituição religiosa propriamente dita.

A nosso ver, este diálogo está ocorrendo hoje muito através do que chamaria aqui imprecisamente de “oferta de prestação de serviço religioso”. Diversos são os fenômenos que podem aqui ser observados: por um lado oferta de encontros, seminários, workshops, cursos, etc. com algum cunho religioso. Há assim oferta de cursos de dança sagrada, de experiências de meditação, de métodos respiração, de aprendizados de terapias (rituais) curativas. Há verdadeira profusão de ofertas nesta linha, o que mostra que há uma boa procura. Nem sempre – é claro – apresentam-se estas atividades expressamente como religiosas. Na maioria das vezes como resgataadoras da sabedoria de alguma tradição religiosa. E o são de fato. Bem de experiências religiosas de tradições há séculos constituídas, transmitidas e aprendidas. Por isso mesmo têm elas um bom grau de efetividade (no sentido de “isto funciona”!). Algo que parece ser comum neste tipo de oferta é sua proposta “vivencial” ou “expe-

riencial”. Não se trata simplesmente de algo “dito”, mas “dito e feito”. Por outro lado se pode classificar também no rol de “oferta de prestação de serviço religioso” o fenômeno de pessoas isoladas que são buscadas como mediadores em diversas circunstâncias: de doença, de desavença, de acidente, de tragédia, de aconselhamento amoroso, de morte, mas também de investimento, de empreendimento, de noivado e casamento, etc. São pessoas que impõe as mãos, fazem rezas, realizam curas, fazem e mandam fazer rituais, dão conselhos, prevêem o futuro... Em muitos casos são inclusive pessoas ligadas a alguma instituição religiosa, como um pai-de-santo que manda fazer rituais, um pastor que ensina alguma reza eficaz, um padre que impõe as mãos ou uma religiosa que “receita” chás. Mesmo sendo pessoas da instituição, estas ações são feitas geralmente à margem da instituição. Nesta linha de oferta de serviços religiosos pode ser encontrada ainda muita outra coisa. Basta, porém, estes dois apontamentos para se deixar claro o que queremos indicar.

Nestes tipos de interação aqui apontados, mostra-se bem dois fatores que havíamos apontado acima como inerentes ao diálogo inter-religioso a partir da perspectiva da religiosidade: a lógica da identificação e a lógica da busca do objetivo comum. As pessoas participantes destas experiências proporcionadas nestas ofertas de serviço religioso as buscam tendo objetivos comuns a serem alcançados e buscam justamente estas ofertas por haver de alguma maneira uma identificação com elas. E esta busca e identificação colaboram para que ali ocorra de fato diálogo inter-religioso na perspectiva da religiosidade.

Tese 6: O diálogo inter-religioso a partir da religiosidade – como não está preocupado com a estrutura institucional – tem muito mais o caráter de acontecimento, de vivência, de momento do que o caráter de busca de “responsabilidade por”, de “construção de estruturas para”.

A partir da religiosidade construída na base da experiência religiosa, o diálogo inter-religioso, isto é, a identificação e interação com outra experiência religiosa, tem exatamente este caráter do qual brota: o caráter experiencial, vivencial, momentâneo. E como não há neste nível – pelo menos em princípio – qualquer preocupação com a estrutura religiosa institucional, não há o peso que esta traz consigo. Há um dito popular jocoso que afirma: “Quem sabe, faz. Quem não sabe, cria uma comissão”. Há um fundo de verdade nesta jocosa afirmação que podemos aqui apropriar ao nosso tema. As instituições, em sua sábia preocupação de impulsionar o diálogo inter-religioso e

não sabendo bem como isto se pode dar, criam comissões, nomeiam responsáveis por tal assunto. Estes, por sua vez, em muitos casos promovem encontros, fóruns, grupos de estudo, comissões bilaterais exatamente com os seus pares de outras instituições, isto é, com as comissões para tal de outras instituições. Há neste âmbito muito mais estudo sobre o diálogo do que diálogo propriamente dito. Isto porque os membros destas comissões têm sobre seus ombros a responsabilidade por representar a instituição a que pertencem, por deixar claro qual é a identidade, a doutrina, o ponto de vista da mesma. Sentem ao mesmo tempo a necessidade de constituir estruturas que suportem seu intento: criam-se estatutos, cronogramas, responsabilidades (hierarquia) e outras coisas mais e boa parte do tempo e energia são investidos justamente na manutenção das mesmas.

Em termos do diálogo inter-religioso que acontece a partir da religiosidade, não há qualquer preocupação nesta linha. Os participantes do diálogo estão na dinâmica do diálogo como pessoas privadas. Não há a “responsabilidade por”. Há sim a vivência, a experiência. Mas esta vivência ou experiência não tem conseqüências? Até pode ter, mas esta não é a preocupação primeira do momento.

Tese 7: É ilusão pensar que o diálogo inter-religioso a partir da religiosidade é sempre uma via de entendimento e de unidade. O diálogo inter-religioso na perspectiva da religiosidade também se deu e se dá na história como caminho de não identificação (muitas vezes visto inclusive como fanatismo ou fundamentalismo religioso).

Como fazemos aqui uma série de afirmações positivas sobre o diálogo inter-religioso a partir da perspectiva da religiosidade, isto pode dar a impressão por um lado que estamos afirmando ser somente este o caminho válido para o diálogo e, por outro, a impressão de que estamos abordando esta forma de diálogo como “a” solução para a busca do entendimento e unidade. Se esta é a impressão de quem leu as reflexões acima, queremos deixar claro que as afirmações indubitavelmente positivas sobre o diálogo inter-religioso a partir da perspectiva da religiosidade têm como base nosso convencimento de que esse é um caminho de diálogo já muito mais experimentado e frutuoso na história.

Faz-se necessário também afirmar aqui que nem por isso imaginamos ser ou ter sido a interação em termos de religiosidade um caminho de entendimento ou construção de unidade. Na história do diálogo inter-religioso a partir da religiosidade se pode perceber

que a interação não foi necessariamente positiva. Se a identificação é um fator decisivo para o diálogo nesta perspectiva, a não-identificação também é uma realidade. O diálogo não precisa ser entendido apenas como via de entendimento. Ele também é via de des-entendimento, de distanciamento. E como o diálogo nesta perspectiva tem boa dose de envolvimento de sentimento, de emoção, a via do des-entendimento pode conduzir – como conduziu – a fanatismos e separações dolorosas. Ou seja, se acontece o processo de identificação (que tem um forte caráter de atração), também é uma realidade o processo de des-identificação (que tem um forte componente de repulsa). Este fenômeno de des-identificação pode ser percebido em muitos casos onde alguém faz uma experiência religiosa diferente de seu caminho anterior e chega – a partir desta nova experiência – a outra clarividência sobre sua postura religiosa (de fé). É muito comum ocorrer nestes casos um forte processo de distanciamento da(s) experiência(s) anterior(es). Tendo em vista a nova experiência, tudo se faz para se mostrar que não há mais identificação com a experiência anterior. A construção da identificação religiosa a partir de uma nova experiência religiosa é algo interessante a ser observado, mas foge ao âmbito de nossa reflexão. Queremos aqui apenas apontar para esta realidade.

Tese 8: O diálogo inter-religioso na perspectiva da religiosidade tem muitos mais chances de se concretizar por não precisar entrar na tensão insolúvel da “pertença” religiosa. A instituição tem o problema (a insegurança) da pertença e isto a paralisa no diálogo.

A instituição religiosa – principalmente a de tradição cristã-eclesial – tem uma grande preocupação com a “pertença” religiosa de seus membros. A fidelidade religiosa é entendida mais como uma ligação à instituição e não tanto como uma adesão pessoal (de sentimento) ao sagrado. Do ponto de vista da instituição, fé é aquilo no qual o fiel deve crer. Enquanto para o fiel, fé é aquilo no qual ele crê, não tendo a instituição acesso a este nível de intimidade pessoal. As duas coisas não são necessariamente contraditórias, e em grande parte talvez sejam até coincidentes. E quem sabe exatamente por causa desta coincidência, a instituição religiosa cria laços/sentimentos de “pertença” em relação aos fiéis. Estes o podem ser também do fiel em relação à instituição. Até aqui, nada de novo.

Quando acontece, porém, no diálogo inter-religioso, por se tratar de contato com outras compreensões religiosas, alguma

interação em termos de experiência religiosa, a instituição tem o problema (ou a insegurança) da pertença religiosa. A participação de fiéis ligados a uma instituição religiosa em experiências religiosas de outra tradição (seja qual for o nível de participação experiencial) é sentido pela instituição religiosa de origem como um ato de certa “infidelidade”. Este sentimento brota exatamente da compreensão de “pertença” que tem a instituição a respeito de “seus” fiéis. É o medo que tem a instituição de que o fiel possa vir a pertencer à outra instituição. Ou, em termos mais explícitos, o medo da conversão. Como se estivesse ao alcance da instituição poder intervir neste nível íntimo de fé. Este medo tem um efeito paralisante em termos de diálogo.

Nas perspectiva da religiosidade, este problema não se coloca. A interação acontece ou não a partir da identificação experiencial. É o nível pessoal que está envolvido e não o nível institucional. E em termos de fé pessoal, somos todos igualmente peregrinos.

Tese 9: Grande parte das religiões se constituíram a partir da aglutinação, aproximação, diálogo em torno de religiosidades já presentes. A experiência religiosa é o chão de onde sempre nasce religião. Isto não como afirmação sobre o passado, mas como estrutura permanente história.

Grande parte das religiões guarda com carinho a memória e o contexto de sua origem. Para muitas inclusive a memória e o contexto de sua origem tem o caráter instituinte e legitimador. No desenvolvimento histórico da religião, com todos os desdobramentos possíveis e imagináveis, aos momentos fundantes, à(s) pessoa(s) fundante(s), ao(s) fato(s) fundante(s) são reconhecidos caráter de autoridade instituinte. Os desdobramentos históricos são legitimados, em grande parte, a partir destas origens. A partir desta constatação, pode-se perceber que boa parte das instituições religiosas projetam para sua origem certa aura de “pureza original”. Cria-se o “mito” de um momento “puro”, ou seja, um momento referencial que não estaria “contaminado” por qualquer outra fonte. Em face à “pureza original”, as mudanças históricas por que passam indubitavelmente as religiões são lidas não poucas vezes como “degeneração”.

Porém, se observarmos com um pouco de isenção e neutralidade, não há religião alguma que tenha tido em sua origem algum momento “puro”, ainda não contaminado. As tradições religiosas constituídas englobam e aglutinam em si presença de muitas “re-

ligiosidades” de origens distintas e se constituem em boa parte a partir destas aglutinações e aproximações. Assim afirmando, pode-se concluir que em parte as tradições religiosas constituídas são já em si resultado de diálogos inter-religiosos na perspectiva da religiosidade.

Esta afirmação não pode ser vista, no entanto, como algo que se refere ao passado. O diálogo inter-religioso a partir da religiosidade (vale lembrar, a partir da experiência religiosa) é, no nosso modo de ver, uma estrutura permanente na história de religião e não uma exceção histórica. E ao dizermos aqui história, entendemos história pessoal de cada ser humano. E é a partir desta constatação, que se pode afirmar que religião sempre nasce a partir do chão da experiência religiosa. E daí se conclui que religião sempre nasce na história. Religiosidade é parte integrante da historicidade humana.

Tese 10: O diálogo inter-religioso na perspectiva da religiosidade (experiência religiosa) é um dos principais fatores de evolução e mudança religiosa. A heresia é a possibilidade do novo.

Uma última tese queremos aqui apresentar: o diálogo inter-religioso, a partir da identificação com a experiência religiosa, é um dos principais fatores da evolução e da mudança religiosa na história. Dito de forma mais explícita: o diálogo a partir da religiosidade é um mecanismo importante de concreção histórica de religião. Independente de instituição religiosa, religião estará sempre ligada ao “ser” religioso. E este ser religioso é uma concreção que “se faz”, “se constrói” historicamente. Ele nunca é dado. Sendo isto uma estrutura do humano, este “se faz” e “se constrói” é sempre um “se re-faz” e “se re-constrói”. Daí se poder afirmar – *cum grano salis* – que a heresia é a possibilidade do novo.

Endereço do autor:
Caixa Postal 90023
25689-900 Petrópolis, RJ
volney@itf.org.br